

1. Um outro mundo do trabalho é possível e necessário

As mulheres trabalham demais e têm direitos de menos

Nós, mulheres, trabalhamos muito, desde a infância e por toda a vida. Trabalhamos há muito tempo na história, desde muito antes do capitalismo, mas nosso trabalho foi invisibilizado ao longo do tempo. Para muitas de nós, hoje e em outras gerações não muito distantes, ter um trabalho e, a partir dele, conseguir alguma renda foi e é uma forma de ter mais autonomia, tomar decisões próprias, ir e vir, melhorar a vida, sair da dependência financeira. Foi e é, para muitas, a única alternativa para sobreviver em uma sociedade capitalista, na qual a venda de nossa força de trabalho é a única forma de sustento. Com o nosso trabalho, remunerado e não remunerado, vendido ou gratuito, a gente não apenas se sustenta, ou sustenta a nossa família, mas sustenta o mundo.

O trabalho é uma dimensão fundamental da sociedade e da vida de cada uma de nós. É o trabalho que cria a riqueza do mundo. Com o trabalho, criamos e também nos criamos. Se isso é verdade, então por que, muitas vezes, mesmo trabalhando muito, continuamos pobres ou dependentes? Por que, se geramos tanta riqueza, são tão poucos os ricos? Por que nem todas nós, mesmo trabalhando por toda a vida, temos os mesmos direitos, com o direito à aposentadoria? Por que nós, mulheres, temos os piores salários? Perguntas como essas indicam que para nós, mulheres, trabalhar é uma vivência paradoxal: ao mesmo tempo que é uma forma de sair da dependência econômica e criar outra possibilidade de existência social, é também uma vivência na maioria das vezes injusta, desigual, precária e muito, muito cansativa.

O que explica esse paradoxo? A forma de organização do trabalho na nossa sociedade, isto é, no sistema capitalista, patriarcal e racista.

O capitalismo cria uma **divisão social do trabalho** entre classes. O patriarcado, entre homens e mulheres, o que chamamos de divisão sexual do trabalho. O racismo, entre grupos sociais racializados; no caso do Brasil, entre negros e brancos. Em outros países, há também divisões étnicas e geopolíticas (entre nativos e imigrantes etc.). Essas divisões sociais do

trabalho – entre classes, sexos e “raças” (grupos racializados) – são dinâmicas e articuladas; muitas vezes convivem em uma mesma situação de trabalho. É o caso do emprego doméstico, em que a divisão social, sexual e racial se mostra de maneira muito evidente, e até mesmo a divisão internacional do trabalho. São mulheres, em geral dos segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora e negras, que, majoritariamente, realizam esse trabalho no Brasil. Nos países do norte, acrescenta-se a isso a condição de migrantes, o que significa um trabalho importado dos países mais pobres.

No trabalho remunerado, em geral, estamos submetidas à **exploração** – produzimos muita riqueza, empregamos muito de nossa capacidade e tempo, em troca de um rendimento muito baixo. Muitas não contam nem com a possibilidade de um trabalho com vínculo empregatício: estão no mercado informal, precário, realizando serviços por conta própria para gerar alguma renda para si e suas famílias. Outras, ainda, estão no desemprego. As mulheres negras no Brasil são maioria nessa situação há pelo menos quatro séculos.

No capitalismo, há uma divisão social do trabalho entre as classes: a que produz, classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho para sobreviver, e a classe burguesa, que detém os meios de produção (terras, empresas, fábricas etc.) e que se apropria do trabalho e da riqueza gerada por quem trabalha. Chamamos de exploração o modo como essa relação acontece. Nela, o capitalista, dono do capital, toma posse, torna seu, o tempo, a energia, a criatividade do(a) trabalhador(a) para gerar lucro e acumular riquezas. Nesse sistema, a riqueza produzida socialmente por muitos(as) é apropriada privadamente por poucos(as). No capitalismo, quem mais trabalha empobrece e quem menos trabalha, ou nem trabalha, enriquece cada vez mais. Na primeira situação estão nada menos que 99% da humanidade. É o que chamamos de concentração da renda ou da riqueza.

O capitalismo transformou as pessoas e a natureza em fatores de produção, em recursos – humanos e naturais – que, juntamente com algum capital, utilizam e investem para gerar seus lucros e suas riquezas. Esse modo de produção gerou e continua a gerar injustiça social e ambiental. Ambas, pessoas e natureza, são exploradas para gerar mais lucros e mais acumulação. Essa ainda é a forma predominante de organização do trabalho na nossa sociedade. Homens e mulheres da classe trabalhadora, em sua maioria, estão submetidos(as) a essa exploração. Hoje em dia, grande parte das pessoas, sobretudo mulheres e população negra, não tem a possibilidade de trabalhar em troca de um salário – estão no desemprego ou fazendo diversos tipos de serviços, trabalhando por conta própria,

no trabalho informal. Essa situação não muda o fato de que, para sobreviver e ter alguma renda, só se tem o próprio trabalho. Daí algumas pessoas falarem em classe que vive do trabalho, para dar conta dessas diferentes situações.

Uma face do capitalismo hoje é o **domínio das finanças**, do chamado capital financeiro: bancos, investidores das bolsas de valores como Wall Street, empresas de seguro etc. É o capital que vive dos juros e da especulação de ações e dívidas de Estados, de empresas e de pessoas. Tem grande domínio sobre os Estados nacionais, que devem a esses bancos e necessitam dos seus investimentos. É o dinheiro que se investe em gerar mais dinheiro, sem produzir. Um dinheiro virtual que circula pelo mundo em tempo real. Vemos o poder desse capital em nossas vidas quando parte da renda das pessoas é consumida pelas dívidas no cartão de crédito, pelos financiamentos e empréstimos bancários etc. A maioria das lojas hoje, por exemplo, não vende apenas os produtos, mas também o crédito, lucrando com finanças, com juros.

Os bancos lucram com altos juros sobre as dívidas dos países e as nossas por meio da promoção do endividamento. Mesmo com menos renda, temos mais crédito para consumir. Isso significa, muitas vezes, muitas dívidas. A ideologia consumista alimenta esse sistema. Essa ideologia vende a ideia de que tudo pode ser comprado e torna esse o ideal de vida e de felicidade. Nessa ideologia, o trabalho é visto como meio de vida ou como fonte de renda para o consumo, e não como a própria vida.